

Notas sobre a presença nordestina em Roraima

Carla Monteiro de Souza*

Francisco Marcos Mendes Nogueira**

O poeta roraimense Eliakin Rufino, na sua canção *Neto do Nordeste*, afirma no refrão que: “Quem é filho do norte/É neto do nordeste/Sou farinha de caboclo/Eu sou cabra da peste”¹. A canção apresenta em versos inspirados uma série de referências espaciais e identitárias que dão um sentido a esta enfática afirmação. De forma poética e alegre, o autor entrecruza as várias origens possíveis daqueles que vivem no extremo norte brasileiro, que nos remete ao cotidiano roraimense e à composição da sociedade local, historicamente marcada pela presença dos migrantes, pelos múltiplos encontros/desencontros e pela pluralidade de influências na sua constituição, na qual a presença nordestina sobressai.

Apesar da beleza da canção e de ela estar muito bem referenciada na sociedade roraimense, a importância da presença nordestina parece ser algo unânime, inquestionável, e isso nos inquieta e nos impeliu a provocar esta discussão. Este trabalho, portanto, tem como objetivo suscitar essa discussão, através da apresentação de alguns aspectos sobre a presença de migrantes nordestinos em Roraima e algumas reflexões sobre a questão.

A histórica da presença migrante em Roraima.

Roraima é o estado brasileiro localizado mais ao norte. Possui uma extensa fronteira internacional, com a República Bolivariana da Venezuela e a República Cooperativista da Guiana. Nesta tríplice fronteira confinam três línguas nacionais, português, espanhol e inglês, e várias línguas indígenas. Esta região foi município do Amazonas até 1943, quando passou a ser Território Federal do Rio Branco (em 1962 passou a chamar-se TF de Roraima), o qual foi transformado em estado em 1988². Localizado em uma região de poucas ligações com o restante do país, Roraima tem a menor população do Brasil, concentrada na capital, Boa Vista. Nos 15 municípios existente na atualidade, convivem uma população formada por não índios, migrantes e seus descendentes, e indígenas de várias etnias. O seu perfil socioeconômico aponta para uma economia baseada no serviço público e no

* Doutora em História. Professora do Curso de História e do Programa de PPGLetras da UFRR.

** Graduado em História. Professor da Licenciatura em Educação no Campo – LEDUCARR/UFRR e da Rede Estadual de Roraima.

¹ <http://letras.mus.br/eliakin-rufino/neto-do-nordeste>. Acesso em 27/03/2013.

² Sobre estas informações ver: Barros, 1995; Oliveira, 2003; Santos, 2004; Souza, 2001.

setor de serviços, bem como em atividades rurais, como a pecuária, as lavouras de produtos alimentícios e a produção de subsistência³. Neste contexto, historicamente o poder público e as iniciativas e ações governamentais exercem um forte papel, inclusive no que diz respeito ao povoamento e às migrações, característica esta compartilhada com os demais estados amazônicos.

Desde o período colonial, o governo metropolitano se preocupou com a carência de população não indígena nesta porção de suas possessões amazônicas. A instalação do Forte de São Joaquim e das Fazendas Reais de São Marcos, São José e São Bento, no final do século XVIII e início do XIX, inauguram estas ações que visavam, povoar a região. Nos séculos XIX e XX, notadamente nos dois períodos de auge da extração de látex – Ciclo da Borracha (1870-1920) e a Batalha da Borracha (meados da década de 1940) – incrementaram as migrações para a Amazônica, inclusive para Roraima. Ainda que não se observe a ocorrência da extração intensiva de borracha na região do Rio Branco, esta recebeu migrantes por tabela, notadamente após a decadência desta atividade⁴.

A leitura dos cronistas e viajantes que percorreram a região amazônica desde o período colonial, bem como estudos e dados mais recentes (como, por exemplo, os estudos do IPEA, do CEDEPLAR e da área técnica do IBGE), demonstram que as migrações inter-amazônicas são historicamente constantes. Pesquisas anteriores nos permitem afirmar que o migrante que chega a Roraima, em muitos casos, migra por etapas, isto é, percorre e vive em outras áreas da Região Norte antes de se estabelecer no estado (SOUZA, 2001; 2006). Assim, muitos nordestinos experienciaram a vida em outras frentes de expansão amazônicas antes de fixarem residência em Roraima.

Por outro lado, a análise historiográfica do povoamento da região nos permite afirmar que existe uma relação de complementariedade e interação entre a Região Nordeste e a Amazônia, que condicionaria uma situação de “expulsão” para a primeira e de “atração” para a segunda. Como dito acima, conjunturas socioeconômicas em diversos períodos carregaram para a Amazônia trabalhadores oriundos de várias partes do Nordeste. Os aludidos momentos de auge da exploração da borracha, a abertura de estradas nas décadas de 1950 e 1960, a política de ocupação pautadas pelo “Integrar para não Entregar” do Regime Militar ou, mais recentemente, as ações balizadas pelo conceito de desenvolvimento sustentável são exemplos disso.

O estudo do povoamento da Amazônia e de Roraima em especial, na sua dimensão estrutural e conjuntural, permitem afirmar que existe uma espécie de “corredor de acesso” entre as duas regiões. Verifica-se que estas rotas de passagem são condicionadas em grande parte pela expansão dos meios

³ A esse respeito ver: Secretaria Estadual de Planejamento, <http://www.seplan.rr.gov.br>.

⁴ Sobre o extrativismo e seus reflexos em Roraima, ver: Magalhães, 2008.

de transporte e de comunicação e pela quantidade e qualidade dos estímulos engendrados pela dinâmica econômica e geopolítica que historicamente visam ocupar o “vazio” amazônico, que findam por criar as chamadas condições de atração de nordestinos.

Fazendo uma projeção histórica, os estudos sobre várias épocas mostram que os nordestinos há muito povoam a Amazônia e estão em Roraima desde os primórdios de sua ocupação. Neste caminho, nos deteremos na migração que liga o Nordeste à Roraima na atualidade, traçando um painel que permita dimensionar a sua abrangência e importância na sociedade local.

Segundo dados do IBGE⁵, boa parte dos migrantes que chegam à Roraima são provenientes da própria Região Norte (Pará e Amazonas) e, principalmente, do Nordeste, destacando-se os maranhenses. Quanto ao primeiro dado, observamos que muito destes que procedem do Pará ou do Amazonas, por exemplo, ou são naturais de um estado nordestino e viveram nestes estados ou são descendentes de migrantes⁶. Quanto aos maranhenses, além de sua realidade socioeconômica excludente, também podemos arrolar como fatores facilitadores da migração a proximidade geográfica com o Pará e o fato de parte do território do Maranhão integrar a Amazônia Legal.

A análise dos dados demográficos demonstra que estes fluxos migratórios são contínuos e definidores do crescimento populacional de Roraima. No geral, os migrantes que vieram para Roraima nas últimas quatro décadas podem ser caracterizados como populações provenientes de áreas do interior, onde os padrões de vida tendem a ser baixos devido a fatores como a concentração fundiária, economia frágil e instável, mercado de trabalho acanhado etc.

Argumentamos, ainda, que o ato de migrar implica a interação de dois planos: um fundamentado nas relações sociais, estruturalmente relacionado à fatores socioeconômicos e políticos; outro relacionado ao plano individual, que, em última instância, determina a decisão de migrar. Neste seara, as migrações não podem ser tomadas como processos determinados exclusivamente pelos fatores e necessidades estruturais, os quais nos levam a considerar que os migrantes, premidos por situações adversas em seu lugar de origem ou imbuídos de sonhos e ilusões, agiriam de forma um tanto “inconsciente”, o que fundamenta a noção de “expulsão” (SOUZA, 2005).

Por sua complexidade intrínseca, acreditamos que na análise das migrações devemos considerar decisão pelo deslocamento envolve a ponderação de prós e contras, bem como a ação das redes de contato e de informação, as quais. O que um parente ou amigo migrado conta atua como um liame, um fio, que liga a situação vivida e a pretendida. Nas entrevistas com migrantes por nós realizadas

⁵ Ver: Censos Demográficos de 1980, 1991, 2000, 2010.

⁶ Lacerda (2006) nos dá uma boa perspectiva da presença nordestina na Amazônia, ao estudar os cearenses no Pará.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

até hoje, verificamos que sonho e realidade por vezes se confundem, principalmente frente àquelas situações limite que tornam a vida insustentável, o que nos leva a considerar a análise das questões subjetivas, afetivas e psicológicas.

As especificidades de cada região conformam aos fluxos migratórios que dela saem e nela entram. Algumas destacam-se por ter uma cultura migratória de saída, como o Nordeste, e outras de recepção, como a Amazônia (SOUZA, 2004). Nesta, e em especial em Roraima, as migrações relacionam-se ao que José de Souza Martins chama de expansão da “fronteira do humano”, que afirma que para entender o recente alargamento da fronteira amazônica, entendida como frente de expansão, é preciso levar em conta que “faixas” se mesclam e se interpenetram, colocando em contato populações cujas diversidades e antagonismos incluem o desencontro dos tempos históricos em que vivem (2009). No processo amazônico, além das redefinições espaciais, ocorreram e ocorrem encontros/desencontros de indivíduos e grupos dotados de temporalidades distintas e diferenciadas bagagens culturais.

Os Nordestes na Amazônia.

Historicamente os deslocamentos dos nordestinos e a sua decantada necessidade e capacidade de migrar, independentemente do estado de origem, são tradicionalmente associados ao fenômeno da seca, seus complicadores ecológicos e econômicos. Argumentos relacionado à defasagem socioeconômica dos estados nordestinos e a predominância de práticas políticas tidas como retrógradas, paternalistas e clientelistas completam o quadro que em comparação como o Sudeste e Sul, ainda hoje atribui ao Nordeste o rótulo de região atrasada e subdesenvolvida, lugar de mão de obra barata e desqualificada pronta para migrar. Estes argumentos tornam-se cada vez mais anacrônicos, principalmente quando analisamos dados demográficos e censitários que apontam para o incremento da migração de retorno e novos perfis e tendências migratórias.

No entanto, mesmos que as coisas estejam mudando, no bojo da relação centro-periferia os discursos e as práticas regionalistas instituíram uma “verdade” sobre as regiões que permanece baseada em certos padrões, características, estereótipos, epítetos e símbolos que, se por um lado, baseiam-se em argumentos e aspecto factíveis, por outro, desfiguram-na. Este processo de formulação e instituição das regiões está introjetado sobremaneira na sociedade brasileira, no plano coletivo, social e individual. Construída historicamente, a ideia que nomeia e define cada região brasileira se naturaliza, ainda que se operem mudanças socioeconômicas, políticas e culturais

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

visíveis.

A comparação entre a parte Norte e a Sul do Brasil – nomenclatura genérica que vigorava antes da atual divisão por regiões – é fundamental na compreensão da construção da ideia do Nordeste como região. Seus contornos remontam ao final do século XIX e início do XX, momento em que a ciência passa a ocupar lugar de destaque na explicação dos fenômenos naturais e dos processos sociais. No Brasil, a construção das ideias regionalistas foi fundamentada no discurso sobre o imperativo da modernização para romper com a herança colonial e promover o progresso, e pelas disputas entre as elites políticas locais, polarizada entre republicanos e federalistas.

Autores como Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Lourenço Filho, Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, dentre outros, trataram do tema, explicitando e dando forma a polarização entre o Norte e o Sul que dividia o país em duas partes bem distintas. Albuquerque Jr., em seu trabalho clássico intitulado *A invenção do Nordeste*, explica que estes novos discursos e práticas regionalistas que predominavam na década de 1920 quando o Nordeste foi instituído como região, primavam por apontar a “diferença acentuada na vida material e social” entre o Nordeste e o Sudeste/Sul, concluindo que forjou-se uma ideia de que o Norte era o “outro” do Sul (1999, p.43).

Segundo Albuquerque Jr., a influência da raça e do clima era um elemento marcante neste discurso, que se baseava no geral na relação de causalidade entre natureza e cultura. Neste aspecto, o clima quente, as secas periódicas e a forte presença de negros e mestiços determinariam fraquezas inatas, uma compleição física franzina, propensão aos vícios, inferioridade psicológica, a predisposição à subserviência, ao fanatismo e á credence, a indolência e a falta de iniciativa no trabalho. O meio e a seca eram a principal justificativa para quase tudo no Nordeste, inclusive para a propensão para migrar imputada ao homem nordestino (1999, p. 38-39).

Esta lógica dá consistência a muitas explicações sobre os altos índices de emigração do Nordeste. A seca sempre esteve no centro destas explicações, somada à concentração fundiária, à acentuada desigualdade social e ao abandono por parte do poder público. Segundo Haesbaert, isso também fundamenta as explicações do porque historicamente o migrante nordestino procura os grandes centros ou as frentes de expansão agrícola, como a Amazônia. Estas explicações baseiam-se no mito da “região-problema”, argumentando que o “fenômeno migratório” tornou-se importante referencial identificador dos nordestinos, “como se todos os nordestinos vivessem hoje, da mesma forma, as consequências da seca, ou como se todos fossem ou tivessem sido um dia ‘sertanejos’, ‘cabras da peste’”. O migrante nordestino, portanto, acaba por ser estereotipado na figura do ‘retirante’

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

miserável da seca (1997). No entanto, como referido acima, por mais evidentes que sejam os fatores estruturais que justifiquem uma migração, esta sempre dependerá em boa parte da escolha pessoal entre partir e ficar e de que haja uma relação de complementaridade entre o lugar de origem e o lugar de destino.

A migração de nordestinos para a Amazônia ganha a característica de fluxo na época do primeiro *boom* da borracha e a partir daí vem se mantendo, fortemente influenciada pelos surtos econômicos característicos da região à ação do Estado. As possibilidades de povoamento e ocupação de Região Norte historicamente são associadas aos problemas estruturais do Nordeste. Esta construção, que vigorou ao longo do século XX e ainda tem eco na atualidade, pode ser sintetizada na máxima do presidente militar Emílio Garrastazu Médici: “levar os homens sem terra do Nordeste para as terras sem homens da Amazônia” (1991). Além de povoar o “vazio” amazônico, interessava também aos planejadores e governantes da época inverter o vetor desta migração da Região Sudeste para a Norte.

Este discurso instituído acerca do Nordeste foi fundamental na composição e na sedimentação de uma imagem extremamente negativa para a região. Este discurso e esta imagem sobre a região se difundiram, impregnando o imaginário coletivo nacional até os dias de hoje. No dizer de Albuquerque Jr., “o ‘Norte’ é o exemplo do que o ‘Sul’ não deveria ser”, sendo o oposto da imagem elaborada do Sul civilizado, ou seja, as práticas e os discursos regionalizantes que se cruzam, sejam políticos ou culturais, sedimentam uma ideia de uma Região Nordeste que deixa de ser a área seca do “Norte”, para se tornar uma identidade racial, econômica, social e cultura (1999). Longe de uma perspectiva determinista e simplificadora e buscando recurso no binômio identidade/alteridade, a imagem de superioridade do “Sul” implicaria na inferioridade do “Norte”, que naturalmente ficará sempre para trás.

Entendemos, portanto, que os discursos, as práticas, as políticas e ações do poder público instituíram para as duas regiões, Nordeste e amazônica, um espécie de complementaridade, aquela dos homens sem terra que buscam a terra sem homens.

Os Nordestes e Roraima

No tocante a Roraima, os nordestinos sempre desempenharam papel fundamental na configuração da sociedade local. Destaca-se, entretanto, que ainda há poucos trabalhos que fazem distinção entre as migrações provenientes dos vários estado do Nordeste. Nos estudos sobre a questão prevalece o

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

uso da categoria englobante “nordestinos” e, aqui, também, mesmo sabendo dos sérios riscos das generalizações, falar-se-á em presença e cultura nordestina.

Tomamos como referência a discussão apresentada pelo geógrafo Rogério Haesbaert sobre a construção de uma “identidade nordestina”. Baseado no que define como transposição geográfica, explica que a identidade nordestina construída a partir de imagens do sertão semiárido, transforma o “sertanejo” em “nordestino”. Neste sentido, o sertanejo habitante do semiárido e da caatinga passa a definir a população daquela região do Brasil, ao ser alçado a condição de elemento central na construção simbólica do “ser” nordestino, ainda na virada do século XIX para o XX. Por outro lado, a “descoberta” da seca e a sua “institucionalização” – com a criação do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS) e depois da SUDENE, a definição do “Polígono das Secas” – junto à divulgação do flagelo vivido por sua população, servirão para projetar o semi-árido como principal elemento caracterizador da identidade nordestina (1997, p. 72-84).

Segundo o autor, esta identidade tem um caráter extremamente ambíguo, já que “está presente muito mais no discurso da elite política e da burguesia regional”, expandindo-se para fora da região e configurando a “mentalidade” dos que convivem com “migrante nordestino”, observando que a maioria da população local se identifica muito mais com seu estado de nascimento (HAESBAERT, 1997, p. 72-84). Esta identidade nordestina homogeneizadora, portanto, não dá conta das múltiplas referências culturais e identitárias vivenciadas e ressignificadas cotidianamente pelos sujeitos que vivem na região e pelos que migram.

Contudo, não pode-se negligenciar que o “nordestino” é uma construção bastante sólida e que se perpetua por meio de uma série de mecanismos de divulgação e de atualização. O nordestino popularizado pela mídias de massa, tem um sotaque padronizado, apresenta um série de comportamentos e certas características marcantes, uma espécie de sertanejo standartizados. As manifestações culturais e identitárias nordestinas seguem algumas rotas e se constituem por meio de formas socialmente consolidadas, que se tornam marcas, rótulos, diacríticos reconhecidos da forma de ser e viver dos naturais do grande e diverso Nordeste.

A migração nordestina foi e é responsável por grande parte das mudanças espaciais e sociais ocorridas em Roraima, inclusive as mais recentes. Segundo Vale, “como bom migrante que é, desbravador de fronteiras”, o nordestino foi responsável pela produção do espaço de grandes áreas do Brasil (2001).

Em Roraima, além de sua histórica participação nas lides pecuárias, sua presença moldou,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

sobremaneira, a sociedade regional. As paisagens natural e cultural estão impregnadas por elementos culturais de origem nordestina. Está nos hábitos alimentares, nas devoções e festividades, no linguajar, nos usos e costumes, sendo que muitos nordestinos dizem se sentir em casa em Roraima. Pode-se afirmar que a população nativa, notadamente os de origem indígena, absorveu e incorporou as influências nordestinas. Da mesma forma, os sinais de sua prevalência estão por toda parte, fato que lhes confere uma certa notoriedade em relação aos outros grupos migrantes.

A representatividade dos nordestinos e seus descendentes na sociedade regional pode ser avaliada através de dados demográficos históricos e atuais. Verifica-se um predomínio do que aqui foi chamado no sentido englobante de cultura nordestina. Seus representantes além de contar com a vantagem numérica como dito acima, historicamente compôs o que pode ser denominado grupo pioneiro da ocupação não índia. Junto aos militares, desbravaram o lavrado e a floresta, seguindo um padrão que pouco difere de outras áreas amazônicas. São com o Nordeste que, até os dias de hoje, se estabelecem expressivas redes de contato e interação, tanto no que toca à vinda de novos migrantes, quanto na resignificação de elementos culturais há muito estabelecidos.

Segundo Freitas – escritor e político “filho da terra” – devido a histórica entrada de nordestinos em Roraima “este estado está se nordestizando”. Baseia sua afirmação na observação informal de quem sempre viveu em Roraima, argumentando que o sotaque característico do nordeste está “presente nas repartições públicas, nas salas de aula, através dos professores, nas conversas do dia-a-dia, enfim, em todos os lugares”. Destaca a sua importância no comércio da capital quando diz: “A avenida Jaime Brasil poderá muito bem trocar de nome, passando-se a ser chamada de Avenida Ceará, tantos são os cearenses que fazem dessa importante artéria de Boa Vista, um logradouro comercial, por excelência ...”. Reafirma que a influência nordestina no estado é marcante, explicando que existe “basicamente dois tipos de descendentes, os filhos dos nordestinos e os filhos dos nativos”, todos, no entanto, carregam a herança sócio-cultural familiar da origem. Explica que “dos 15 primeiros governadores de Roraima, 60% foram nordestinos” e que junto com vieram conterrâneos a fim de ocupar cargos públicos e tentar a vida no estado (1998).

Neste caminho, mesmo sem poder fazer diferenciações entre os vários grupos migrantes nordestinos, verifica-se que uma deve ser destacada: a que existe em relação aos maranhenses. Estes formam o maior contingente migratório específico dos últimos tempos, e sua chegada está associada a expedientes para o aumento do número de eleitores da corrente política local do ex-governador Ottomar de Souza Pinto. Os bairros Pintolândia 1, 2, 3 e 4, criados no início dos anos de 1990, e

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

então localizados na periferia de Boa Vista, como o nome indica, foram construídos pelo político para abrigar as levas de migrantes que chegavam à capital, sendo tradicionais redutos maranhenses na cidade.

Além disso, estão presentes por todas áreas rurais do estado, é notória a sua presença nos municípios localizados na área sudeste do estado, as margens da rodovia Perimetral Norte (BR210), em em outras áreas de assentamento. Freitas chama a atenção para o fato de que na feira do produtor rural de Boa Vista (que centraliza a venda do produtor ao consumidor) os maranhenses se encontram em maior número (1998). Dados demográficos permitem constatar que os maranhenses sempre migraram para a Amazônia e para Roraima, contudo, nas últimas quatro décadas estes números cresceram sobremaneira.

Isto talvez explique o fato observável com facilidade na sociedade boavistense: várias situações de discriminação dos maranhenses, considerados como inferiores, entre os próprios nordestinos e pelos demais grupos migrantes. A eles são imputadas características “negativas”, como baixa escolaridade e baixo nível técnico profissional, pouca politização, falta de recursos, avidez por benefícios que, observados sem o filtro do preconceito, são inerentes a muitos migrantes.

A longevidade da presença nordestina em Roraima pode, de certa forma, explicar a esta prática estigmatizante. Muitos dos roraimenses de nascimento, e que fazem parte das famílias tradicionais e da elite econômica local, são descendentes de antigos migrantes nordestinos em segunda, terceira, quarta geração. Pode-se observar, então, uma certa diferenciação entre os migrantes mais recentes e os mais antigos, que arrogam a si o pioneirismo para legitimar suas opiniões e práticas.

Por outro lado, um outro aspecto colocado por Barros serve também para explicar as diferenciações entre os vários grupos migrantes em Roraima. Este argumenta que “a fronteira não é o repouso das velhas áreas costeiras de povoamento”, o que transforma o estranhamento inerente à fronteira em pretexto para definir situações de superioridade ética e política. O chamado “*metropolitanismo*” passa a difamar os agentes da conquista pioneira, utilizando-se de forma moral e discriminatória o conceito centro-periferia” (1995). Este raciocínio bipolarizado está historicamente enraizado na sociedade brasileira como um todo, constituindo-se em muitos casos em uma ideologia que justifica a dominação, a sobreposição de poderes e de status. É perfeitamente pertinente observar sua presença na sociedade roraimense, tão ricamente diversificada.

Esta lógica pode ser também observada nas relações entre índios e não-índios. Historicamente, a conquista do espaço regional pela sociedade não-índia envolve uma variedade de agentes, processos

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

e estratégias que, divergindo ou convergindo dependendo das conjunturas, produziu uma nova territorialidade, que inclusive definiu uma fronteira geográfica nacional no extremo norte.

A nível do senso comum, estas questões que opõem os indígenas à sociedade envolvente, e que englobam o cultural, o social e o econômico, no geral vem eivadas de preconceitos. Na sociedade roraimense, o indígena ocupa a base da pirâmide social, e a ele são atribuídas conhecidas características negativas: são preguiçosos, indolentes, amigos da rede e do álcool, são manipuláveis, subservientes e pouco afeitos à autoridade, não primam pelo asseio e pela aparência pessoal, sendo considerados “feios”.

Na contra-mão do preconceito, nos dias de hoje os povos indígenas de Roraima estão organizados em várias entidades. Todas elas buscam reconhecimento e a estruturação e a instauração de práticas e ações que promovam a reconstrução de elementos da cultura ancestral, tais como a língua. Outro aspecto importante é a luta pela posse da terra com autonomia, fato que mexe com questões espinhosas que afetam tanto o setor público quanto o privado, como vimos no recente processo de demarcação em área contínua da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Em Roraima grandes querelas e embates políticos ocorrem em torno da questão da luta dos povos indígenas pelos seus direitos; da mesma forma, são os indígenas hoje a parcela mais fortemente organizada do movimento social no estado.

Como foi visto acima, estes não são epítetos novos, são apenas repetições e adaptações de um discurso que, nos processos de interação, visa distinguir superioridade e inferioridade. Deve-se levar em conta, também, que este discurso acerca da inferioridade dos indígenas tem raízes históricas e está disseminado em todo o Brasil.

Pensando os contatos entre indígenas e migrantes na atualidade, Barros observou que nos contatos entre índios e colonos nos núcleos de colonização, o migrante nordestino, que estava na base da pirâmide social no seu lugar de origem, encontra em Roraima alguém que está abaixo dele, o índio, visto que o colono, ainda que pobre, é o colonizador, ou seja, historicamente aquele que impõe a cultura (1995). Para o migrante nordestino que chega a Roraima, independente de seu local de origem ou situação sócio-econômica e do desenrolar do seu processo de colocação, um aspecto já está claramente dado, a definição da inferioridade dos indígenas.

O cordel “Roraima: terra bendita”

A fim de pontuar esta discussão, apresentamos uma breve leitura do cordel “Roraima, Terra

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Bendita” (2009), de Otaniel Mendes Oliveira. O autor, que um ano publicou o livreto de cordel “Vida de Cutiã” (2008), é natural de São José das Curicas, zona rural do município de Vitorino Freire, no Maranhão. Vive hoje na vila Central, município de Cantá, Roraima.

Em entrevista concedida a Nogueira, em abril de 2011, Seu Otaniel explica que já andou por vários lugares: sua primeira passagem por Roraima se deu em 1970, onde ficou até 1978, quando por uma desilusão amorosa migrou para Rondônia, retornando apenas em 1982. Conta que empreendeu sua primeira migração aos três anos de idade, quando a família migrou para Pindaré-Mirim, para trabalhar na produção de tiquira, uma aguardente feita de mandioca. Sobre a saída da família de Pindaré-mirim evidencia um fenômeno típico de muitas regiões rurais brasileiras: a expansão das fazendas engole os pequenos produtores, sufoca a produção e estrangula o mercado de trabalho. A partir daí recorda a sua trajetória e, luz da lembrança dos deslocamentos empreendidos, afirma que “o nordestino vive buscando melhorar de vida, e a vida dele é buscar”. Segundo Nogueira, para o cordelista, “entre as idas e vindas, Roraima se constituiu na terra bendita, o lugar dos sonhos e da segurança” (2011, p. 54-55)

O livreto *Roraima: terra bendita* parece se inscrever em uma outra fase da vida do autor. Maior em número de páginas – este tem 29, o anterior, 10 páginas – o texto revela um homem solto ao escrever e otimista para falar sobre a realidade vivida em Roraima. O próprio título, anuncia o tom de exaltação do texto, um tanto laudatório e ufanista também.

A edição mais bem cuidada conta com agradecimentos, apresentação, dedicatória e prefácio e, ainda, com a chancela do SESC/RR e da XIX Feira de Livros do SESC, Federação das Indústria de Roraima-FIERR, dentre outros patrocínios. Nos dois primeiros conjunto de versos inicia se referindo ao Brasil e ao Norte: “No norte do Brasil / Encontramos coisas sem fins (sic) / Saindo Rio Branco Acre / Chegando a Tocantins / Passando pelo Pará / Encontramos o Boi Bumbá / Nas terras de Parintins (2009, p. 5).

A partir daí se dedica a cantar Roraima, partindo da fronteira norte – na qual o estado confina com a Venezuela – passeia por muitas áreas do estado. Enumera os lugares emprestando-lhes características: “Encontramos Pacaraima/Com seus bonitos lavrados”; “É também no Jundiá/Que existe barreira”; “Rorainópolis: uma cidade/De crescimento constante”; “É São João da Baliza/Lá tem muito produtor; “Caroebe é muito bom/É a terra da banana”. Sem fazer distinções político-administrativas, entre cidades, vilarejos ou simples povoados, imprime nos lugares por onde passa a sua escrita marcas identificadoras elogiosas em sua maioria.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Não obstante, o texto é pontuado por versos que podem ser traduzidos como comentários afinados com a conjuntura regional de produção do texto e, também, com as parcerias estabelecidas pelo autor: “Tem muita gente estrangeira / De olho em nossa riqueza / Com muito ouro e diamante / E nós vivendo na pobreza / Se não prestar atenção / Vamos acabar na mão / Da burguesia inglesa (2009, p. 13).

Este e cinco conjuntos de versos que o seguem tratam do mesmo tema: a cobiça estrangeira pela Amazônia e por Roraima em especial. É bom lembrar que este foi um período de intensa polarização política e ideológica em Roraima, em função da demarcação em área contínua da Terra Indígena Raposa Serra Sol, cujo processo redundou na retirada de todos os não índios da área, e mexeu sobremaneira com os interesses dos grandes fazendeiros de arroz que lá atuavam, fato que mobilizou a elite política e econômica local contra esta demarcação. Um dos eixos principais do discurso que fundamentava este movimento era aquele que alertava para a existência de poderosos interesses internacionais por trás da demarcação.

Esse discurso teve uma repercussão muito grande na sociedade local, notadamente entre aqueles que viviam da terra. E foi repetido à exaustão pelos meios de comunicação e em todos os espaços onde se abordava o assunto, partidários de ambas as posições levavam a cabo discussões acaloradas e Seu Otaniel entra neste circuito: “Tem muitas ONGs estrangeiras / Com grande área de terra / Pra tomar nossa Amazônia / Eles fazem até guerra / Mas nós vamos expulsar / E não deixar mais entrar / Este papo se encerra” (2009, p. 13). De maneira explícita os versos de Seu Otaniel repercutem este momento e o autor como tantos outros toma posição: “Depois que apareceu / Estrangeiro interessado / Que índio tem que viver / Em território isolado / Daí começou a crise / Assim que os índios dizem / O estrangeiro culpado” (2009, p. 26)

Neste sentido, Guillen se refere ao poeta de cordel como “um grande narrador da vida cotidiana nordestina”, alguém que toma posição sobre a o que narra (2002), ele é um comentador que utiliza as palavras com habilidade. A forma como o cordel é composto nos leva a encará-lo como um texto espontâneo, tributário da oralidade rimada, embora, por excelência, fundamente-se na arguta observação social, na crítica, observando-se o engajamento radical às temáticas postas à sociedade no calor da hora.

Observa-se, no entanto, que a espontaneidade e a agilidade do cordel não implicam a ausência de objetivos bem definidos a serem veiculados. As temáticas se vinculam aos seus autores e aquilo que cerca, este é o mote para compor os versos, falar do local e do cotidiano. No “passeio” que faz por

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Roraima, o autor se debruça sobre os vários lugares roraimenses, com familiaridade e benevolência. Como vimos acima, a mensagem é que cada canto de Roraima oferece algo que pode ser apreciado, que merece ser destacado e enaltecido. O conjunto destas partes forma Roraima, a terra bendita mencionada no título

Isto nos leva a ressaltar novamente que mudanças se operaram na vida de Seu Otaniel e na forma como ele se coloca em Roraima. Se no primeiro livreto observamos um homem encerrado em uma realidade restrita, comandada por um ciclo natural do amanhecer ao anoitecer, dos dias e das semanas, contada com laivos de amargura e certo desencantamento, no segundo, vemos um homem livre, que “sobrevoa” um espaço amplo, a área estadual, e conta o que vê de forma dinâmica e otimista.

Pontua o seu “passeio” pelos lugares, enumerando as suas gentes: “Gente do Brasil inteiro / Pode prestar atenção / Tem gente do Paraná / E também do Maranhão / Tem paulista e capixaba / Sulista que não se acaba Grande miscigenação” (2009, p. 7). Fala da diversidade de gentes, ou seja, dos muitos migrantes: “Tem gente de toda parte / Deste Brasil de meu deus / Maranhense e cearense / Descendente de europeu / De gente que mora ali / Estou dizendo para ti / Tem gente até dos zezéus” (2009, p. 11)

Contudo, o que fica claro neste segundo livreto é a mudança operada na escrita do autor. Muda a temática, o que não é novidade para a literatura de cordel, dinâmica e pautada em temas do cotidiano e próximos dos autores; muda também a forma de escrever e de abordar lugar que foi adotado pelo autor. Fica patente uma mudança na relação do autor com Roraima, ou melhor, na maneira como Seu Otaniel vê Roraima e se vê neste lugar onde vive: “Roraima é terra boa / Assim está na escrita / Todos que chegam aqui / É claro que acredita / E logo que vem chegando / Chega pulando e gritando / Roraima terra bendita” (2009, p. 27)

Seu Otaniel se vê e se coloca como migrante nordestino, como maranhense e como roraimense: “Eu sou feliz não importa / Aquilo que alguém pense / Quem me conhece sabe / Que eu sou maranhense / Eu só quero ser feliz / Até brigo com que diz / Que eu não sou roraimense” (2009, p. 27) Neste texto se declara integrado, inserido, pacificado, principalmente se levarmos em conta o livreto anterior.

Silva, na leitura que faz das ideias de Stuart Hall, explica que, na contemporaneidade, “as identidades não são nunca unificadas”, mas “cada vez mais fragmentadas, fraturadas, (...) multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

antagônicos”. Exposta a uma historicização radical, a identidade estaria “constantemente em processo de mudança e transformação” (2000, p. 108). Os processos migratórios engendram transformações naquilo que se é, na maneira como o indivíduo se vê e se coloca no mundo. Define também as formas empregadas para explicar e compreender a sua trajetória, ou seja, o quê fala e como fala.

O autor lança mão de uma forma socialmente reconhecida para falar de si e do mundo que o cerca. O cordel, como manifestação legítima e legitimada da cultura popular brasileira e da nordestinidade, somada ao talento e a habilidade de Seu Otaniel com as palavras e as rimas, traz para si uma identidade nordestina, mas também maranhense e roraimense, sem prejuízos ou aparentes hierarquizações. Nos dois livretos, a bagagem cultural migrante do autor compõe um quadro que mostra, por um lado, o migrante sofrido e exposto às vicissitudes e sacrifícios condizente com a visão consagrada do migrante nordestino, e de outro, o migrante integrado, inserido, conhecedor e partícipe da sociedade de destino há mais de 25 anos.

Martins explica que a história recente da fronteira é marcada pela destruição, mas também pela resistência, pela revolta, pelo protesto, pelo sonho e pela esperança. Nela se esboça uma realidade singular, pois é o lugar do encontro de diferentes grupos humanos, da descoberta do outro e do desencontro de temporalidades históricas distintas. A fronteira deixa de existir quando os tempos se fundem, quando o outro passa a ser parte antagônica do nós, “quando a história passa a ser a nossa história”, quando a diversidade e a pluralidade são incorporadas (2009). Ou seja, a fronteira é o lugar da incessante reconstrução, individual, subjetiva, social e coletiva.

Seguindo este raciocínio, considera-se que o processo de ocupação humana em Roraima ainda está em franco desenrolar, tanto no que toca à ocupação do seu espaço físico, quanto à configuração de suas espacialidades e territorialidades, principalmente constatada a importância das migrações. Neste aspecto, ainda que se considere a afirmação de Freitas de que Roraima é um estado “nordestinizado” polêmica e excessivamente peremptória e generalista, a presença nordestina em Roraima é um importante elemento mediador das trocas culturais e da construção identitária do lugar e das gentes roraimenses.

Referências:

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife/São Paulo: Fundação Joaquim Nabuco/Cortez, 1999.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁ

- BARROS, Nilson C. Crocia de. *Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional*. Recife: Editora Universitária (UFPE), 1995.
- FREITAS, Aimberê. *História Política e Administrativa de Roraima (1943-1985)*. Manaus: H. Calderaro, 1993.
- FREITAS, Aimberê. *Geografia e História de Roraima*. Boa Vista, 1998.
- GUILLEN, I. C. M. *Cantadores das viagens. a literatura de cordel ea experiencia da migração nordestina para a Amazônia*. 2002.
- HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.
- LACERDA, Franciane Gama. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 197-225 – 2006.
- MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias. *Amazônia: o extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943-1998*. Boa Vista: EdUFRR, 2008.
- NOGUEIRA, Francisco Marcos Mendes *O lugar e a utopia: história e memórias de migrantes nordestinos em Roraima (1980 a 1991)*. 2011. 74p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Curso de História, Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2011.
- OLIVEIRA, Ariovaldo. *Integrar para não entregar: políticas públicas e a Amazônia*. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1991.
- OLIVEIRA, Reginaldo G. *A herança dos descaminhos na formação do estado de Roraima*. 2003. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- SANTOS, Nélvio Paulo Dutra. *Políticas públicas, economia e poder. O Estado de Roraima entre 1970 e 2000*. Belém, 2004. 270f. Tese (Doutorado em História). Núcleo de Altos Estudos da Amazônia, Universidade Federal do Pará.
- SOUZA, Carla Monteiro de. *Gaúchos em Roraima*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SOUZA, Carla Monteiro de. Roraima e as migrações. *Textos e Debates* (UFRR), v. 9, p. 257-271, 2005.
- SOUZA, Carla Monteiro de; SILVA, Raimunda Gomes dos. *Migrantes e Migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé*. Boa Vista: EDUFRR, 2006.
- SOUZA, Otaniel Mendes de. *Vida de Cutiã*. Boa Vista, 2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SOUZA, Otaniel Mendes de. *Roraima: terra bendita*. Boa Vista, 2009.

VALE, Ana Lia Farias. *O “Ceará” em Roraima - migração de cearenses: 1980-1999*.

Jaboticabal/SP: FUNEP, 2005.